

A INTERDEPENDÊNCIA SOCIAL FUNDADA NO TRABALHO ABSTRATO: UMA BREVE REFLEXÃO

*Social interdependence founded on
abstract labor: a brief reflection*

Peter Frank Alvarenga Koch*

Graduado em Ciências Econômicas
Universidade Federal Fluminense

Thaís Castro Koch**

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Moishe Postone é responsável por uma instigante crítica marxista às interpretações dominantes no campo do marxismo. Este artigo é dedicado a discutir a contribuição de Postone. Defenderemos, em particular, que a ênfase de Postone no caráter historicamente específico enfatizando como Postone reinterpreta o *Capital* com "ênfase no historicamente específico" destacamos a importância da determinação histórica na leitura de *O Capital*. Na primeira seção, foram abordados desdobramentos da mercadoria em *O Capital* para uma melhor compreensão da crítica de Postone. Na segunda seção, é feita uma análise inicial do capítulo quatro "Trabalho Abstrato" que destacará a importância do historicamente determinado em face a trans-historicidade do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Marxismo. Trabalho abstrato. Trans-historicidade. Dominação Social. Valor-trabalho.

Abstract

Moishe Postone is responsible for a thought-provoking Marxist critique of the dominant interpretations in the field of Marxism. This paper is devoted to discussing Postone's contribution. We will argue, in particular, that Postone's emphasis on the historically specific character of *Capital* with "emphasis on the historically specific" highlights the importance of historical determination in rereading of *Capital*. In the first section, we discuss the unfolding of the commodity in *O Capital* for a better understanding of Postone's critique. In the second section, an initial analysis is made of chapter four, "Abstract Labor," which will highlight the importance of the historically determined in the face of the transhistoricity of labor.

KEYWORDS: Marxism. Abstract work. Trans-historicity. Social Domination. Labor value.

Introdução

O estudo da obra de Postone, *Tempo trabalho e dominação social: Uma reinterpretação da teoria crítica de Marx* pode provocar no leitor certo incômodo, especialmente no leitor que possui um conhecimento prévio de *O Capital* de Marx.

O incômodo com a obra de Postone, pode se originar da própria ambição filosófica do autor de reinterpretar um clássico de tamanha relevância. Além de confrontar o entendimento dominante entre os intelectuais marxistas, os quais Postone denomina de marxistas tradicionais, pode-se dizer que ele propõe um entendimento diferente de filósofos marxistas como: György Lukács,

Roy Bhaskar¹ e outros oriundos do marxismo de Frankfurt, o que já é uma tarefa difícil que, por si só, será carregada de resistência.

Outro elemento é resultante do fato de *Grundrisse*² ser a referência de sua reinterpretação, dado que os escritos são anteriores a publicação de *O Capital*. Assim, não seria demais inferir que Marx tenha escrito um novo texto sobre o mesmo assunto para exatamente elucidar os problemas do texto anterior. Isto posto, conseqüentemente, diminuiria o caráter interpretativo do trabalho de Postone. A utilização de conceitos que não estão em *O Capital*³ e afirmações distintas⁴ do mesmo podem causar confusão e desencorajar o estudo da obra.

Entendemos que é possível identificar virtudes e fragilidades nas formulações de Postone. Entretanto, não é o objetivo desse artigo fazer uma avaliação crítica do trabalho do autor. Nosso objetivo, antes de tudo, é apresentar alguns conceitos específicos do seu pensamento.

Claro que existem diversas chaves de leitura de um texto, diversas maneiras de abordar um trabalho teórico. Neste artigo procuramos pensar os diversos elementos teóricos sempre tendo em vista o princípio da identidade de Hegel, tal como interpretado por Lukács⁵. Assim, os eventuais conceitos apresentados serão relacionados por meio da “identidade de identidade e não identidade”. Conseqüentemente, o nexos entre as igualdades representará “uma simultânea identidade e não identidade nos diversos graus” (LUKÁCS, 2013, p.63-77).

Apesar das inúmeras diferenças teóricas entre Postone e os autores que ele inclui no marxismo tradicional, há pelo menos, uma igualdade entre eles: todos desejam a superação da dinâmica do capital. Essa mesma dinâmica que no ano de 2022 ainda continua viva, pulsante e que não indica, infelizmente, uma superação por outra, não-utilitarista.

Acreditamos que haja entre os marxistas tradicionais e Postone o mesmo ideal: a emancipação da vida utilitarista e sua conseqüente humanização dos meios de produção⁶. Neste particular, é inegável que a contribuição de Postone destaca o fetiche da mercadoria de um modo tal que torna sua obra decisiva para os debates marxistas.

¹Duayer & Araújo, 2020.

² São os esboços de *O Capital* de Marx, datados de 1857-1858 (MARX, 2011).

³ Postone utiliza o conceito de “tempo de trabalho imediato” que não se apresenta em *O Capital*. (Postone, Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx, 2014, p. 40;41;44;51;147;267;268;341;343;400;402;420)

⁴ Para ilustrar esse aparente contraste entre as formulações de Postone e a de Marx, note, por exemplo, as seguintes afirmações. “[...] uma mercadoria, tal como examinada em *O capital*, pressupõe o trabalho assalariado [...]” (Postone, Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx, 2014, p. 152§3). “A categoria salário ainda não existe em absoluto nesse estágio de nossa exposição.” (Marx, 2013, pp. 169, Nota 15).

⁵ Um dos mais influentes filósofos marxistas do século XX.

⁶ Esta frase se refere ao fenômeno que Marx retratou como “fetiche da mercadoria”.

A leitura de *O Capital* e a ênfase no caráter historicamente determinado

Por que ler *O Capital* com ênfase no caráter historicamente determinado? Tal pergunta muito provavelmente será dilemática para o leitor de Postone. Tentamos, neste texto, com os limites que lhe são pertinentes, lançar um olhar diferente e aguçado na direção da importância de tal questão. Procuramos evidenciar as graves consequências de uma análise não historicamente determinada. Se a pergunta fosse remetida a Postone, pensamos que a resposta, talvez, fosse: porque Marx o quis assim.

A leitura de *o Capital* de Marx por Postone (2014) propõe uma exegese que se configura em oposição ao que ele denomina “marxismo tradicional”⁷. O autor nos diz que a trans-historicidade não é capaz de identificar o núcleo do capital; como consequência dessa abordagem, as discussões se orientam pelas derivações do capital, tornando a dinâmica do capitalismo intacta. A sua hipótese direciona-se ao exame da forma espacial da complexidade e do dinamismo da vida social no capitalismo, que surgiu na Europa Ocidental e alterou as relações sociais no mundo moderno.

Postone salienta que encontrou nas obras maduras de Marx, os - *Grundrisse* (1857-1858) - a inspiração para suas hipóteses. Nessa perspectiva, indagamos: Por que Postone se preocupou em repensar a análise do capitalismo de Marx? Poderia ser o colapso da União Soviética, que marcou o fim do socialismo ou do suposto socialismo? A relevância teórica de Marx, o retorno a Marx, tal como geralmente entendido durante grande parte do século XX, não seria capaz de superar a estrutura e a dinâmica moderna do capital?

Podemos dizer que as graves crises econômicas globais decorrentes da modernidade capitalista, bem como o crescimento da desigualdade social, a degradação ambiental e o enfraquecimento da classe trabalhador a revelaram, dramaticamente, as limitações fundamentais das abordagens teóricas do neoliberalismo. Postone sugere uma crítica capaz de problematizar a especificidade própria da situação histórica, ou seja: a mesma deve encampar uma consideração reflexiva sob um marxismo renovado. Essa teoria crítica que o autor sustenta, precisa ser fundamentalmente diferente das proposições dos marxistas tradicionais.

É razoável pensar que Postone, enquanto historiador entende que as relações sociais e suas alterações são produtos de uma dinâmica trans-histórica. Assim, quando Postone destaca a historicidade específica, entendemos que o autor, objetivamente ou não, está afirmando o caráter historicamente específico, sob o princípio da identidade de Hegel, ou seja: Postone compreende

⁷A expressão “marxismo tradicional” aparece ao longo do livro como à diversas teorias de inspiração marxista, muitas das vezes associadas à defesa do chamado socialismo real. Ao longo do texto, quando, demonstrada a crítica e interpretação de Postone ao “marxismo tradicional” destacaremos a que ponto do “marxismo tradicional” a que o autor se refere. Porém, podemos sintetizar que, Postone aborda o “marxismo tradicional” como um conjunto de elaborações que interpretam: (1) a interpretação do trabalho no capitalismo como efeito trans-histórico e não historicamente específico; (2) o problema

que os elementos postos como historicamente determinados têm uma identidade e uma não-identidade com a trans-historicidade. Tal compreensão se identifica com a de Marx ao destacar aspectos historicamente específicos e trans-históricos, analisando a mercadoria.

A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma “enorme coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria. Grifo nosso (Marx, 2013, p. 157)

Descobrir esses diversos aspectos e, portanto, as múltiplas formas de uso das coisas é **um ato histórico**. Assim como também é um ato histórico encontraras medidas sociais para a quantidade das coisas úteis. Grifo nosso (Marx, 2013, p.157-158)

Isto posto, entendemos que Postone ao analisar o capitalismo por meio do Capital tem por horizonte o caráter historicamente específico.

Entendemos que a crítica de Marx em *o Capital*, nos diz o autor, não é realizada do ponto de vista da história e do trabalho, conforme propõem os marxistas tradicionais; ao contrário, a dinâmica histórica do capitalismo e a centralidade ontológica do trabalho tornaram-se os objetos da crítica marxista (POSTONE, 2014, p. 272). Assim, a crítica desenvolvida por Postone afirma que a trans-historicidade e o seu caráter ontológico obscurecem a forma dinâmica de dominação do capital.

Em tese, o autor afirma que o Marx “maduro”⁸ entende a história como uma dinâmica distinta, não como uma característica universal da vida social humana. Na maturidade de Marx, o caráter historicamente dinâmico, com imperativos e restrições, tornam-se específico da sociedade capitalista. Para Postone, Marx fundamenta essa dinâmica na categoria de capital, entendendo-a como uma forma de dominação.

A categoria do valor, oposta à categoria da riqueza material, significa, portanto, que o tempo de trabalho é o material de que são feitas a riqueza e as relações sociais no capitalismo. Refere-se a uma forma de vida social em que os seres humanos são dominados por seu próprio trabalho e são obrigados a manter essa dominação (POSTONE, 2014, p. 348).

Entendemos que a mercadoria é a base para os desdobramentos em *O Capital*. Marx ao iniciar sua *magnum opus*, começa pela mercadoria. Da mercadoria se fragmenta toda sua estrutura que resulta na teoria valor-trabalho. Porém, Postone inicia sua abordagem do Capital pelo trabalho abstrato. Assim, procuraremos analisar sua reinterpretação pelo mesmo caminho.

A construção do valor-trabalho em Marx

Assumimos que a compreensão do caráter do valor na obra de Marx em *O Capital* é fundamental para a compreensão da crítica de Postone.

da dinâmica do capital como distribuição da produção capitalista; (3) a luta de classes como motor da história pelo qual se resolverão as contradições do sistema capitalista.

⁸ No texto quando for utilizada a expressão composta “Marx maduro”, deve ser entendida como referência aos escritos que Postone atribuí essa maturidade, a saber, os *Grundrisse 1857-1858*.

Para Marx entender o modo de produção capitalista, parte do princípio de que no capitalismo riqueza é uma “enorme coleção de mercadorias”. Notadamente, que a riqueza para Marx não é mercadoria; estas existiam em outras formas sociais com conceitos abrangentes. Porém, para Marx, na sociedade capitalista riqueza é mercadoria. Desta maneira, Marx busca compreender os elementos constitutivos da mercadoria na sociedade capitalista. Sendo a mercadoria antes de tudo um objeto externo; um objeto é externo pela nossa formulação subjetiva. A mercadoria existe objetivamente e por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, não importando se tal necessidade é fisiológica ou imaginária (MARX, 2013, p. 157).

Marx diz que o valor de uso é objetivo e independe da subjetividade, das necessidades humanas (MARX, 2013, p. 157-158). A objetividade da coisa não paira no ar, não depende, apenas, do que eu pretendo fazer com o objeto; a utilidade do objeto irá depender, isto sim, das características físicas do objeto, fazendo com que ele próprio objeto seja valor, um valor de uso.

Os valores de uso sempre existiram em qualquer formação social, sendo, portanto, trans-históricos. Em cada formação social a qualidade e a quantidade de coisas com valores de uso são diferentes, tornando uma coisa útil, sob diversos aspectos (MARX, 2013, p. 157-158). Porém, na sociedade capitalista os valores de uso são portadores materiais do valor de troca. Essa afirmação tem caráter importante para elucidação e desdobramento do raciocínio de Marx. E ela é contraditória, dado que não tem materialidade no valor de uso que representa o valor de troca. Essa materialidade vinculada ao objeto, esse valor de troca é uma relação social.

Em todas as formações sociais, a mercadoria nesse íterim é um objeto dúplice: é antes de tudo uma coisa física que por suas propriedades materiais que satisfazem as necessidades humanas. Porém, na formação social capitalista, que é historicamente específica da mercadoria, a mesma passa a ser portadora material de valor de troca.

Nesse sentido, o valor de troca de início se apresenta como relação quantitativa (aparência), uma proporção em que se trocam as coisas, sendo uma relação entre duas ou mais mercadorias, não de uma mercadoria apenas (MARX, 2013, p. 158).

Essa proporção de troca entre mercadorias muda frequentemente no lapso temporal. Se mercadorias diferentes são trocadas por meio de uma igualdade, existe algo que estabelece tal igualdade entre tais mercadorias. A investigação de Marx se desenvolve em torno da procura pelo que existe nas mercadorias que as tornam iguais (MARX, 2013, p. 159).

Observamos que Marx fala do valor de troca e não de preço. O preço é o valor de troca de uma mercadoria expressa em dinheiro. Uma mercadoria não pode ser expressa por igual mercadoria em termos de troca, mas a aplicação é em relação a uma mercadoria diferente ou dinheiro. Porém, sua expressão em relação a outra mercadoria existe. Assim, o preço é o valor de troca quando a mercadoria equivalente é o dinheiro.

No primeiro momento, Marx não utiliza a troca por dinheiro, dado que, é da análise do valor de troca que ele desdobrará a gênese lógica do dinheiro e explicará como surge o fenômeno social denominado dinheiro. Enquanto este fenômeno não estiver explicado, Marx não usará a

palavra dinheiro e, portanto, não utilizará a palavra preço, que é a expressão do valor de troca em mercadoria dinheiro.

Assim sendo, valor de troca se constitui como uma igualdade entre coisas distintas. Tal investigação gira em torno do que torna essas coisas (iguais) do ponto de vista do valor de troca. Entre um *quarter* de trigo = a quintais de ferro, existe algo igual (essência) e a igualdade é de mesma grandeza. “Ambas são, portanto, iguais a uma terceira, que, em si mesma, não é nem uma nem outra” (MARX, 2012, p. 159). Existe algo no trigo que não é trigo e algo no ferro que não é ferro. É evidente a utilização do princípio da identidade e da não-identidade, dado que estamos falando de coisas iguais e diferentes ao mesmo tempo. Que trigo e ferro são diferentes é obvio, mas o que torna essas coisas iguais é o que intriga. Ressaltamos que toda igualdade entre coisas se dá pelo fato de serem efetivamente diferentes. Afirmamos nossa igualdade como seres humanos, porque somos diferentes. Marx mostra que não são as propriedades físicas que caracterizam essa igualdade (MARX, 2013, p.160).

As mercadorias como objetos úteis são qualitativamente distintas: o trigo e o ferro (qualidade diferentes) são qualitativamente distintos. Como valores de troca, no entanto, são quantitativamente (quantidades diferentes) distintos, mas qualitativamente iguais (MARX, 2013, p. 160). Para encontrar o igual, há que se abstrair a existência física das mercadorias, Marx chega à conclusão de que a igualdade entre toda mercadoria decorre de ela vir ao mundo por meio do trabalho. Os trabalhos são concretamente diferentes, realizados de formas distintas, com ferramentas diferentes.

O trabalho humano, concreto e distinto

Os trabalhos humanos são sempre concretamente distintos, e a utilidade das coisas também é concretamente diferente. Tudo, portanto, é fruto de trabalho concreto, humano e distinto. Nessa perspectiva, Marx assevera: se há uma abstração da diferença das mercadorias, há necessidade de uma abstração em relação a diferença entre os trabalhos. Apesar de os trabalhos serem concretamente distintos, eles possuem sua igualdade centrada na capacidade humana de operar sobre a natureza (MARX, 2013, p. 161).

O trabalho consiste numa atividade humana intencional exercida sobre a natureza. Esta é a igualdade que existe entre os trabalhos e que Marx denominará de trabalho abstrato (igual) sendo a substância do valor. No raciocínio de Marx, as mercadorias são objetivamente distintas, mas são igualadas no valor de troca, sendo que o que iguala as mercadorias é o valor. Podemos dizer que o valor de troca é a equação que equipara duas ou mais mercadorias e o que há de igual entre as mercadorias é o valor (MARX, 2013, p. 161).

Marx, ao considerar o conceito de valor e ao propor a definição da grandeza do valor, chama atenção para o fato de só podermos definir a qualidade (a substância - trabalho abstrato)

anteriormente definida. Se a grandeza do valor é medida através do trabalho abstrato, o quanto deste trabalho abstrato definirá a grandeza do valor? Como se mede a quantidade de trabalho abstrato? Podemos dizer que o trabalho se mede por tempo de duração; assim, o valor será medido por tempo. Consequentemente, uma mercadoria terá mais valor, quanto maior for o tempo de trabalho gasto em sua produção. O trabalho para definir o valor de uma mercadoria, não é o trabalho individualmente gasto; mas, o trabalho humano igual, isto é, o dispêndio da mesma força humana empregada. Dessa maneira, trata-se de um trabalho socialmente necessário (quantidade em média social necessária para produzir uma mercadoria). Já a grandeza de valor será definida pela média social de trabalho socialmente necessário; em outras palavras: a grandeza de valor será medida pelo tempo de trabalho socialmente necessário (MARX, 2013, p. 162).

Entendemos que Marx, na sequência de sua reflexão, continua apresentando uma subdivisão de conceitos que aqui foram abordados. Acreditamos que tais pontos apresentados nesta seção são fundamentais para entendermos a crítica de Postone.

Notas iniciais sobre o trabalho historicamente específico em Postone

O capítulo quatro da obra de Postone intitulado “Trabalho Abstrato” (POSTONE, 2014, p. 147) destaca a importância de uma análise do trabalho sob a historicidade específica. Porém, devido à circunscrição de nossa abordagem não analisaremos todos os aspectos e encadeamentos expostos ali. Nosso objetivo consiste em identificar os pontos iniciais e principais pelo autor abordados, bem como a maneira específica dele os relacionar com seu caráter historicamente específico, base de sua análise da obra de Marx, em *O Capital*.

Postone avalia que os marxistas tradicionais – partindo de uma noção trans-histórica de trabalho como ponto de vista da crítica – conceituam as relações sociais que caracterizam o capitalismo apenas por meio do modo de distribuição, e localizando a contradição fundamental do sistema entre os modos de produção e distribuição (POSTONE, 2014, p. 22-23).

Assim, o autor supracitado mostra-nos que o marxismo vê uma contradição estabelecida entre as forças produtivas e as relações de produção. Esta contradição decorre do enorme desenvolvimento da técnica das forças produtivas promovida pelo capitalismo. A categoria do valor formulada por Marx, não deve ser entendida como uma simples forma de distribuição de riqueza. Assim a reinterpretação da distinção feita por Marx, entre valor e riqueza material, não é essencialmente dada pelo mercado (POSTONE, 2014, p. 147).

Para Postone, o problema do trabalho está associado ao do valor. Ou seja, compreender o trabalho como trans-histórico ou como historicamente específico. Onde houver seres humanos, ali haverá trabalho. Podemos dizer que valor é uma categoria que distribui o produto do trabalho – que é a riqueza materialmente produzida (valores de uso ou bens) – entre os indivíduos. O traba-

lho é entendido de maneira trans-histórica; o que varia historicamente é o modo de sua distribuição e da administração social.

Interessante notar que no capitalismo a forma de distribuição do valor que é específica. No marxismo em geral, entende-se por riqueza, um conjunto de bens, coisas com valor de uso; assim, o valor, apenas, distribui riqueza. Postone nos diz, diferentemente, que o valor é a riqueza.

Uma abordagem diferente reformularia valor como uma forma historicamente específica de riqueza, diferente da riqueza material (POSTONE, 2014, p. 148).

Ao analisar o duplo caráter do trabalho no capitalismo (trabalho concreto e abstrato) tal como apresentado por Marx, Postone apresenta-nos uma distinção do conceito original de Marx da concepção de trabalho. Desta forma, sugere o autor, que no marxismo tradicional o capitalismo e suas conquistas desenvolve as indústrias, tecnologias (forças de produção), sendo o problema o mecanismo de mercado e o sistema distributivo (relações de produção) que faz uma alocação desigual, conseqüentemente, Postone afirma que no capitalismo a riqueza é o próprio valor e que o valor imprime uma dinâmica que não regula apenas o modo de distribuição, mas também a produção.

Desta forma, a produção tecnológica é determinada pelo que é valor; isto nos leva a afirmar que não podemos entender o modo produção capitalista como sendo neutro, podendo ser apropriado por um sistema socialista, colocando os seus frutos a serviço e uso de todos. As conquistas produzidas pelo capitalismo são moldadas pelo valor. O marxismo tradicional aponta a contradição no capitalismo alicerçada no fato de que este desenvolve a produtividade, mas a distribui de maneira desigual. Postone, porém, sugere uma reinterpretação de Marx, olhando para forma de distribuição do valor.

Daí se torna claro que a crítica marxiana é uma crítica do trabalho no capitalismo, não apenas uma crítica da exploração do trabalho e do modo de distribuição, e que a contradição fundamental da totalidade capitalista deve ser vista como intrínseca ao reino da produção em si, e não apenas uma contradição entre as esferas de produção e distribuição (POSTONE, 2014, p. 148).

A primeira forma de domínio pelo trabalho é forma de dominação pessoal, sendo uma relação pessoal direta estabelecida entre o senhor e o servo. Essa primeira forma foi superada pelo capitalismo; a formação social baseada na forma-mercadoria se caracteriza pela independência pessoal e na estrutura de uma independência materializada na coisa.

A dominação impessoal e abstrata – a dependência das coisas

Antes do surgimento do capitalismo, o trabalho era dominado por relações de dependência pessoal; porém, com este advento, surge uma nova forma de dominação do trabalho – dominação impessoal - em que ninguém, em tese, é obrigado a trabalhar. A independência no capita-

lismo é a independência pessoal, porém, cria-se uma dependência das coisas. A forma de obrigação ao trabalho não se dá por meio de outro ser humano e sim através das coisas. O trabalho de todos consiste na forma adequada de se adquirir as mercadorias.

A forma característica de dominação social do capitalismo, de acordo com Marx, relaciona-se com a forma do trabalho social. Nos Grundrisse ele delinea as três formas históricas básicas. A primeira, nas suas muitas variações, é baseada nas “relações de dependência pessoal” (POSTONE, 2014, p. 149).

Na sociedade capitalista, as relações sociais são diferentes. As pessoas não dependem uma, das outras; todos dependem do mercado, que se apresenta como um conjunto de relações sociais autonomizadas em relação aos indivíduos. As relações sociais são, por definição, relações humanas; o mercado, por sua vez, se constitui por estabelecidas relações entre coisas. Assim, a sociedade capitalista, onde a produção de mercadorias é generalizada, produz uma dominação impessoal e abstrata (POSTONE, 2014, p. 149).

Postone entende que para Marx, os indivíduos são dominados pela produção, pelo trabalho. Isto faz com que os indivíduos se subordinem ao trabalho, não ocorrendo o contrário. O trabalho não é o fim, mas o meio pelo qual se obtém mercadorias de outros.

A forma de dominação peculiar ao capitalismo é também descrita por Marx como a dominação de pessoas pela produção: “Os indivíduos estão subsumidos à produção social que existe fora deles como uma fatalidade; mas a produção social não está subsumida aos indivíduos que a utilizam como seu poder comum”. Esse trecho é de importância fundamental. Dizer que os indivíduos são incluídos sob a produção é dizer que são dominados pelo trabalho social (POSTONE, 2014, p. 150).

A dominação social no capitalismo não pode ser entendida como quer o marxismo tradicional, disseminador da perspectiva trans-histórica do trabalho, que a vê como o controle de poucos sobre muitos; ou seja, a ‘luta de classes’. No marxismo tradicional, os capitalistas têm como objeto de domínio o trabalho. Porém, para Postone, no capitalismo o trabalho social não é somente o objeto, mas o terreno de dominação. Segundo o autor, tais relações os marxistas tradicionais não conseguem perceber.

No capitalismo, o trabalho social não é somente o objeto de dominação e exploração, mas é ele próprio, o terreno de dominação. A forma não pessoal, abstrata, “objetiva” de dominação característica do capitalismo está aparentemente relacionada à dominação dos indivíduos por seu trabalho social (POSTONE, 2014, p. 150).

A interpretação de dominação abstrata, elaborada por Postone, rompe com as concepções dos marxistas tradicionais. Trata-se da dominação de pessoas por estruturas abstratas, algo que acontece quase (*quasi*-objetivamente) independente, embora não possa ser objetivamente independente. Sabemos que as relações sociais se estabelecem entre pessoas. Porém, no capitalismo tais relações são desenvolvidas por meio das coisas, o que nos leva a concluir que, objetivamente, há relações entre coisas. Os seres humanos constituem a relação social centrada nas

coisas e acabam subordinados às mesmas. A isto Postone chama de “dominação autogerada” (POSTONE, 2014, p. 150).

Pollock⁹ admite que toda forma de dependência coisal, com o crescimento do Estado, a dominação passou a ser direta e feita pelo Estado; porém, Postone não concorda com essa afirmação – dado que afirmar a primazia do político na concepção de Pollock é afirmar que URSS (União Soviética) superou a dominação abstrata. Ao discordar de Pollock, Postone está discordando da perspectiva que vê o crescimento do Estado como uma superação da dominação abstrata, colocando determinações políticas acima das abstratas. Faz sentido o argumento de Postone, uma vez que os governos não possuem autonomia face o capital; sendo, na maioria das vezes, reféns do mercado (POSTONE, 2014, p. 151).

O autor salienta que mesmo o Estado planejando a economia para superar a dominação abstrata, esse planejamento não é suficiente, para tanto, como foi o caso da URSS. O motivo de tal insuficiência explica-se pelo fato de o valor permanecer como forma de riqueza. Não se trata de uma superação do capitalismo; mas de o estado assumir o papel do capitalista. Ou seja, nesse caso, o planejamento público não deve se opor abstratamente ao mercado como princípio de superação do capitalismo.

Em outras palavras, a maneira como se entende a dominação abstrata está intimamente ligada a como se interpreta a categoria de valor. Tentarei mostrar que valor, como forma de riqueza, está no centro das estruturas de dominação abstrata, cuja significância se estende além do mercado e da esfera de circulação (à esfera da produção, por exemplo). Essa análise implica que, quando valor permanece a forma de riqueza, o próprio planejamento é submetido às exigências da dominação abstrata. Ou seja, o planejamento público, por si só, não é suficiente para superar o sistema de dominação abstrata - a forma impessoal, não consciente, não volitiva, mediada de necessidade característica do capitalismo (POSTONE, 2014, p. 151).

Fazendo um resgate do primeiro capítulo de *O Capital*, Marx mostra que valor de uso existe em qualquer forma social, e que visa satisfação de necessidades. Porém, na forma específica do sistema capitalista, o valor de uso se torna valor. No nosso ponto de vista, o que Postone pleiteia em sua reinterpretação consiste numa superação da forma trabalho e não uma avaliação das desigualdades geradas pelo capitalismo, ou mesmo a superação da pobreza produzida, em si. Portanto, não significa um novo arranjo do sistema com uma possível melhor divisão dos frutos do trabalho; o objetivo é superar a própria forma de trabalho.

Portanto, a análise de Marx da mercadoria é a da forma geral do produto e a forma mais elementar de riqueza na sociedade capitalista. Se, no capitalismo, “a característica dominante e determinante do seu produto é o fato de ele ser uma mercadoria”, isso implica necessariamente que “o próprio trabalhador existe apenas como vendedor de mercadorias, e, portanto como um trabalhador assalariado livre, que o trabalho existe em geral como trabalho assalariado”. Em outras palavras, uma mercadoria, tal como examinada em *O capital*, pressupõe o trabalho assalariado e, conseqüentemente, o capital. Assim, “produção de mercadoria, na sua forma universal e absoluta [é] produção capitalista de mercadoria” (POSTONE, 2014, p. 151).

⁹ Referência bastante utilizada por Postone na obra *Tempos, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx* (Postone, 2014).

Os marxistas, frequentemente, interpretam *O capital* como uma análise em etapas históricas: primeiramente, a troca entre os produtos, depois o desenvolvimento do dinheiro e com isto se desenvolve a troca de mercadorias e o conceito de capital. Seria como se no século X estivesse em relação ao começo do capítulo 1 e o século XVIII alcançado pelo capítulo 4.

Porém, é evidente para Postone como também para Roman Rosdolsky¹⁰, que não é disso que se trata na obra de Marx. O que Marx propõe no primeiro capítulo de *O Capital* é uma abstração que descreva a forma como a riqueza se apresenta no capitalismo (uma imensa coleção de mercadorias). Dessa forma, não iniciar pelo dinheiro em si, não quer dizer que para Marx o dinheiro só surja na história depois da troca de mercadorias; todavia, o objetivo primordial de Marx consistia em empreender uma análise da riqueza no capitalismo, dada pelo acúmulo de mercadorias. Marx só introduzirá o dinheiro em seus estudos, após o desdobramento lógico da necessidade do dinheiro. Postone credita a Rosdolsky analisar e mostrar este fato:

Roman Rosdolsky mostrou que na crítica de Marx da economia política a existência do capitalismo é pressuposta desde o início da apresentação das categorias; cada categoria pressupõe as que se seguem (POSTONE, 2014, p. 153).

O modo de Marx apresentar os primeiros capítulos d' *O capital* tem sido visto frequentemente como histórico, pois começa com a categoria da mercadoria, em seguida considera o dinheiro e, então, o capital. Mas essa progressão não deve ser interpretada como uma análise de um desenvolvimento histórico imanentemente lógico que leva do aparecimento inicial das mercadorias até um sistema capitalista completamente desenvolvido (POSTONE, 2014, p. 153).

É evidente que em outras formações sociais sempre existiram mercadorias e suas trocas; contudo, a mercadoria era uma forma periférica na forma relação social, e não fundante, sendo apenas no capitalismo que os produtos se tornam mercadoria.

Ao observarmos o capitalismo já constituído, conseguimos ver as relações dos conceitos e suas conexões. Marx em *O Capital* faz uma análise da forma em sua aparência, por exemplo: no início da obra ele afirma: “A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista se apresenta/mostra como “imensa acumulação de mercadorias” (MARX, 2013). Ou seja, a lógica deve ser entendida como retrospectivamente aparente, como os conceitos se aparentam e se interligam (mercadoria os valores que a compõe valor de uso e valor). Outro exemplo: como expressar o valor de troca de uma mercadoria? Somente procedendo uma comparação aparente com outra mercadoria; o valor de troca é a aparência e não o valor em si. E não é imanentemente necessária, como se faz com o conceito histórico que se forma da intensificação das trocas que produz o valor de troca ou dinheiro como imanentemente necessária.

Até o ponto em que se apresenta um desenvolvimento histórico lógico que leve ao capitalismo - como na análise da forma de valor no primeiro capítulo d' *O capital*. Essa lógica deve ser entendida como *retrospectivamente aparente*, e não como *imanentemente necessária*. Esta última forma de

¹⁰ Importante intelectual marxista e ativista político (1898 – 1967).

lógica histórica existe, de acordo com Marx, mas, como veremos, é um atributo apenas da formação social capitalista (POSTONE, 2014, p. 154).

Não se pode analisar as categorias que Marx analisa dos capítulos primeiro ao quarto e imputá-las à sociedade feudal e por meio dessas categorias observar evidências históricas que produzam o capitalismo. Para Marx, essas categorias são determinadas no capitalismo e por isso implica em sua análise somente na formação social capitalista. O autor ainda trata a mercadoria como uma forma estruturada; é prática social específica e estruturante de prática, posto que ela estrutura a própria prática (POSTONE, 2014, p. 154).

Acreditamos que não é possível fazer uma aplicação da lei do valor e a generalização da forma mercadoria referindo-se a uma situação pré-capitalista. Meek¹¹ considera o primeiro capítulo de *O Capital* como uma etapa histórica, ou seja: este autor vê a forma mercadoria de maneira trans-histórica; porém, a sociedade descrita por Marx não existe em lugar nenhum, seguindo a premissa do próprio Marx.

Segundo Postone (2014), Marx considera que Adam Smith¹²erra ao restringir a lei do valor à circulação simples de mercadoria, ou seja, Marx não interpretaria como a lei do valor como circulação simples de mercadoria, conforme queria Meek.

Marx rejeita, explícita e enfaticamente, a noção de que a lei do valor era válida para uma sociedade pré-capitalista de proprietários de mercadorias, ou dela fosse derivada. Embora Meek identifique a lei do valor de Adam Smith com a que foi usada por Marx, este critica Smith precisamente por relegar a validade da lei do valor à sociedade pré-capitalista (POSTONE, 2014, p. 156).

De acordo com Marx, nunca existiu uma sociedade composta de produtores independentes de mercadoria. No primeiro capítulo de *O Capital*, o que se expõe não é uma descrição de uma forma social ou de uma sociedade concreta. Trata-se, portanto, de uma descrição no capítulo 1 dos fundamentos da sociedade em que se vive, abstraídas as determinações que não puderam ser analisadas.

No capítulo citado Marx está tentando observar a coerência que resulta na necessidade lógica do capital. Marx critica o economista Robert Torrens e Smith dado que eles projetam o valor na forma de mercadoria em sociedades pré-capitalistas e negam o valor na sociedade capitalista, onde a mercadoria é a forma geral de todo produto que resulta do trabalho humano. Assim, mostramos que, segundo Postone, estudar a obra de Marx com uma análise trans-histórica do primeiro capítulo de *O Capital*, certamente, incorrerá em erro de entendimento da obra de Marx, como um todo (POSTONE, 2014, p. 156-157).

Ainda, para Postone, identificar o trabalho como historicamente determinado o fez ter um olhar para interdependência social nele baseada. O trabalho de todos é instrumento através do qual as mercadorias podem ser adquiridas. A historicidade determinada revela que dominação

¹¹ Economista e cientista social marxista (1917-1978).

¹² Filósofo e economista (1723-1790).

abstrata de pessoas por estruturas abstratas tem por consequência evidenciar que, no capitalismo, a aparência se apresenta como o ser independente “livre”, mas, em sua essência, reside uma dependência das coisas. Desta maneira, as coisas tornam-se as mediadoras das relações.

Considerações Finais

O objetivo precípua deste artigo foi apresentar as contribuições de Moishe Postone no campo Marxista, expondo alguns conceitos específicos do pensamento do autor, refletindo acerca de uma crítica marxista às interpretações dominantes. Para tanto, a priori, abordamos conceitos do primeiro capítulo de *O Capital* por sua importância para a compreensão da abordagem deste autor acerca do trabalho historicamente específico. Ao desdobrarmos o conceito de mercadoria de Marx em *O Capital*, nos esforçamos para mostrar conceitos como: valor de uso, valor de troca, valor, trabalho concreto, trabalho abstrato e tempo de trabalho socialmente necessário.

Neste texto também buscamos explicitar o caráter historicamente específico de Postone em relação ao trabalho, utilizando como base de análise, sobretudo, seu texto *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. Tal explicitação nos possibilitou pensar reflexivamente sobre o valor em Marx.

As relações que permeiam os textos de Postone com os quais trabalhamos, chamam a nossa atenção sobre a importância de se pensar com mais agudeza nas consequências de transformação fetichizada operada pela dinâmica do capitalismo moderno, em termos de essência e aparência.

Comparando a outros autores, o legado de Postone pode parecer tímido, quantitativamente. Mas, destacamos que a obra de Postone tem direção e inovação. Em razão disto, acreditamos que essas características o revelam como um intelectual, qualitativamente, digno de necessária e profunda reflexão para as questões sociais experienciadas nos dias de hoje.

Em suma, muito há que ser analisado, porém, sem maiores pretensões, desejamos que tal discussão contribua para o debate, tornando-se uma via de reflexão acerca das questões sociais no contexto do mundo do trabalho.

Referências

DUAYER, Mário, & ARAÚJO, Paulo Henrique F. **Valor como forma de mediação social: Interpretação de Marx a partir de Postone**. Sociedade Brasileira de Economia Política, 46-82, 2020.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Grundrisse : manuscritos econômicos de 1857-1858** . São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da Economia Política: O processo de produção do capital - Livro I** . São Paulo: Boitempo, 2013.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2014.

NOTAS

* Peter Frank Alvarenga Koch

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem interesse nas áreas da Teoria Social e Sociológica, Sociologia Econômica, Sociologia do Trabalho e Religião.

E-mail: ppfkoch@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8937-3708>

** Thaís Castro Koch

Administradora no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP), pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação em Administração e especialização em Gestão de Pessoas. Atualmente, presta assessoria de gestão de pessoas no ESR/UFF. Atua como representante de gestão de pessoas do Instituto e membro técnico do Colegiado de Unidade ESR/UFF.

E-mail: thaiskoch@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-2006-375X>

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM:

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES:

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Revista Goitacá os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 Internacional. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal Fluminense. Publicação no Portal de Periódicos UFF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Ana Claudia de Jesus Barreto e Juliana Desiderio Lobo Prudencio

HISTÓRICO

Recebido em: 30-09-2022 – Aprovado em: 21-11-2022 – Publicado em: 29-12-2022.